

Valores semânticos das unidades lexicais sufixadas em *-eir-* na língua portuguesa

Iovka Bojilova Tchobánova
Universidade de Sófia (Bulgária) / FLUL

0. Introdução

0.1. Objectivos; factores que determinaram a escolha do tema; modelo teórico utilizado

Neste trabalho abordam-se alguns dos problemas clássicos da análise dos afixos derivacionais, estudando a categoria morfossintáctica e a polissemia dos seus derivados, bem como a multiplicidade de bases a que eles se podem juntar. Todos estes aspectos são focados a partir da análise do sufixo *-eir-* em português.

O objectivo deste estudo é fazer uma análise da categoria sintáctica e dos valores semânticos de todos os derivados sufixados em *-eir-*, estudando as suas definições no Dicionário da Língua Portuguesa da Porto Editora (DLP) (8.ª edição, versão electrónica). A escolha recaiu sobre o sufixo *-eir-* por este ter sido pouco estudado na linguística portuguesa, apesar de ser um dos mais produtivos e ter valores variadíssimos. Como enquadramento teórico utiliza-se o modelo de morfologia construcional associativo e estratificado de D. Corbin (1987 e 1991), aplicado ao português por G. M. Rio-Torto (1986, 1989, 1993) e M. Correia (1992, 1999).

0.2. Origem do sufixo *-eir-*

A gramática histórica de M. Said Ali (1964 : 241) trata aprofundadamente a origem do sufixo *-eir-*, afirmando que os nomes que em latim clássico tinham o elemento formativo *-āriu-* passaram para o português geralmente com essa terminação alterada em *-eiro*: *primeiro* (*primāriu-*), *celeiro* (*cellāriu-*), *dinheiro* (*denāriu-*), *ribeiro* (*ripāriu*), etc. A evolução foi naturalmente *-āriu- > airo- > -eiro*, ou seja, com metátese. Ocorrem todavia em português antigo alguns termos nos quais *-āriu-* aparece com a forma *-airo*: *sudairo*, *contrairo*, *fadairo*, *vigairo*, *boticairo*, etc. Sob a influência erudita, foi-se desfazendo a metátese, volvendo tais vocábulos à forma primitiva e enriqueceu-se o idioma com outras palavras em *-ário* tomadas à língua mãe. A lista dos nomes de origem erudita é extensa, como também o é a série das palavras que se formaram com a terminação *-eiro*; notam-se entretanto poucos casos de formas paralelas como *operário* e *obreiro*, *ovário* e *oveiro*, *solitário* e *solteiro*.

0.3. Delimitação do corpus

Para realizar o trabalho que nos propomos fazer estuda-se um corpus constituído por todas as unidades lexicais terminadas em *-eir-* no DLP que são cerca de 2500, 700 das quais são formas sufixadas em *-eira* e as restantes em *-eiro*. Chama a atenção o facto de este sufixo ser um dos mais produtivos entre os sufixos que formam nomes. Conforme o *Dicionário Inverso do Português* de Ernesto d'Andrade (1993) existem 2686 unidades lexicais terminadas em *-ado*, 1195 – terminadas em *-ada*, 1566 – terminadas em *-al*, 764 – terminadas em *-ura*, 696 – sufixadas em *-ári-*, 412 – sufixadas em *-agem*, 407 – sufixadas em *-aria*.

Ficam fora da análise:

- as palavras em que o sufixo *-eir-* é antecedido apenas por uma ou duas consoantes, visto não ser delimitável um radical (cf.: *cheiro, greiro, veiro*, etc.);
- as palavras prefixadas ou compostas em cuja estrutura a sufixação em *-eir-* não representa a última operação derivacional (cf.: *desinteresseiro, bicho-carpinteiro, urso-formigueiro*, etc);
- as palavras terminadas em *-eir-* em que este elemento funciona como integrador paradigmático e não como sufixo, porque estas palavras são sinónimos completos das palavras que aparecem na posição de base na sua estrutura aparente (cf.: *adeleiro, cepeira, chousera, cumeeira, jeiteira, pasmaceira*);
- as palavras de origem obscura (cf.: *fanqueiro, napeiro, rafeiro*);
- as palavras produto de derivação regressiva (cf.: *joeiro*);
- as palavras que são importações externas (cf.: *escuteiro, flibusteiro, gajeiro*).

Uma vez eliminadas as palavras que não são o resultado de uma sufixação em *-eir-* ficam só as unidades lexicais próprias para analisar.

1. Regras de Construção de Palavras com o sufixo *-eir-*

1.1. Categorias sintácticas das unidades em estudo

1.1.1. Categoria do derivado

Quanto à categoria do derivado em *-eir-* no DLP da Porto Editora, de um total de cerca de 1556 entradas sufixadas em *-eiro*, 191 são categorizadas só como adjectivos, 1021 só como nomes e 344 recebem uma dupla classificação categorial.

Por seu lado, de um total de 705 derivados sufixados em *-eira* no mesmo dicionário, 688 unidades são classificadas só como nome, 12 simultaneamente como nome e adjectivo e 4 só como adjectivo (cf.: *burneira, feireira, poedeira, parideira*).

É óbvio que o número dos nomes ultrapassa largamente o dos adjectivos. O tratamento categorial confirma a tendência maioritária de considerar *-eir-* um sufixo predominantemente formador de nomes ou simultaneamente de nomes e de adjectivos, o que fica patente na tabela a seguir:

Categoria sintáctica dos derivados em <i>-eir-</i>	Número de exemplos	%
N	1708	75.5
A/N	356	15.8
A	195	8.7
Total	2262	100%

1.1.2. Categoria da base

A categoria da base dos derivados em *-eir-*, conforme o DLP, pode ser adjectival em 45 casos (cf.: *careiro, madureiro, maluqueira, maroteira*), nominal na enorme maioria dos casos (1579 exemplos) (cf. *giesteira, pereira, urzeira*), verbal em 116 (cf.: *canseira, coceira, empreiteiro, pisqueira, pieira*), adverbial em 5 (cf.: *cedeiro, dianteiro(a), traseiro(a)*), numeral em 3 (cf.: *segundeiro, sesteiro*) e até interjeccional num caso (cf.: *arrieiro* proveniente de *arre!*).

1.2. Operações semânticas previsíveis

1.2.1. Tratamento do sufixo *-eir-* nas gramáticas portuguesas e em outros trabalhos de lexicologia

O sufixo *-eir-* é tratado de duas maneiras distintas na linguística portuguesa:

Por um lado, postula-se a existência de vários afixos *-eir-* completamente autónomos (G. M. Rio-Torto, 1993)

Por outro lado, considera-se que existe um afixo *-eir-* ao qual se atribuem diferentes valores semânticos.

A primeira posição é defendida por G. M. Rio-Torto (1993: 698-702) que considera que existem pelo menos 7 sufixos *-eir-* diferentes.

A segunda posição, na qual alinhamos, é a posição predominante nas gramáticas portuguesas (cf.: J. Joaquim Nunes 1930: 385, M. Said Ali 1965: 241 – 243, C. Cunha e L. Cintra 1986: 96).

1.2.2. Valores semânticos das palavras sufixadas em *-eir-* registados no DLP

Para definir os valores semânticos dos derivados em *-eir-* foram analisadas 1472 acepções dos derivados nominais sufixados em *-eiro* e 790 sufixadas em *-eira*. O estudo das definições lexicográficas das unidades lexicais nominais sufixadas em *-eir-* no DLP tem como resultado os seguintes valores semânticos que são organizados em ordem decrescente conforme a sua representatividade.

1.2.2.1. O sufixo *-eiro (a)* é extraordinariamente produtivo (1182 casos, 52%) na formação de **nomes de profissão, ofício, ocupação** ou **nomes agentivos**, tendo

como base diversos tipos de nomes concretos (cf.: *alabardeiro*, *bagageiro*, *cocheiro*, *leiteiro*). Estes nomes têm o traço semântico + HUMANO e são parafraseáveis por “aquele que exerce uma actividade (trabalha, faz algo) relacionada com Nb” (G. M. Rio – Torto 1993 : 698). O referente do Nb pode ter os seguintes traços semânticos:

+ OBJECTO CONCRETO, NATURAL OU MANUFACTURADO:

corticeiro *s. m.* homem que trabalha em cortiça; **louceiro** *s. m.* homem que fabrica ou vende louça; **pedreiro** *s. m.* operário que trabalha em obras de pedra e cal; alvenel;

+ ANIMAL: **cabreiro** *s. m.* pastor de cabras; **ovelheiro** *s. m.* guardador de ovelhas; **vaqueiro** *s. m.* guarda ou condutor de gado vacum;

+ PLANTA: **alheiro** *s. m.* o que cultiva ou vende alhos; **ceboleira** *s. f.* mulher que negocia em cebolas; **moliceiro** *s. m.* aquele que se ocupa na recolha do sargaço ou moliço;

+ LUGAR NATURAL OU ARTIFICIAL: **coveiro** *s. m.* indivíduo que abre as covas no cemitério e dá sepultura aos cadáveres; **estanqueiro** *s. m.* pessoa que tem estanco ou tabacaria;

+ PESSOA OU CONJUNTO DE PESSOAS: **brigadeiro** *s.m.* antigo general de brigada; **guerrilheiro** *s.m.* aquele que faz parte de uma guerrilha; **taifeiro** *s.m.* cada um dos soldados que constituíam a taifa; serviçal da armada;

+ PARTE DO CORPO: **braceiro** *s. m.* o que dá o braço a outrem; trabalhador mecânico; **cabeleireiro** *s. m.* homem que faz cabeleiras postiças; aquele que tem o ofício de cortar e pentear o cabelo das outras pessoas; **peleiro** *s. m.* aquele que prepara ou vende peles;

Os sufixos concorrentes nesta função são: *-ári-* (*bancário*, *empresário*), *-ista* (*dentista*, *maquinista*) e *-ão* (*cirurgião*). Isso fica patente nos dicionários nas remissões para formas sinónimas do tipo: *marmoreiro* > *marmorista*, *guitarreiro* > *guitarrista*, *panfleteiro* > *panfletista*, *testamenteiro* > *testamentário*, etc. Em alguns casos, como indicam os exemplos a continuação, a forma em *-eir-* tem uma conotação claramente pejorativa que se deve ao sufixo: **croniqueiro** *s.m.* noticiarista de periódico; **cronista** *reles*; **critiqueiro** *s.m.* crítico incompetente, **criticastro**; **politi-queiro** *s.m.* político *reles*.

É de salientar que *-eir-* serve para formar nomes de ofícios e profissões, construídos em períodos mais antigos do desenvolvimento da língua. Estas profissões e ofícios, em geral, são artesanais e gozam de menor prestígio social. Em alguns casos a denominação do agente coincide com a forma que serve para denominar o recipiente, o continente de Nb ou com a denominação de planta, árvore, arbusto que é a origem/fonte de Nb: **louceiro** *s. m.* homem que fabrica ou vende louça; guarda louça; armário onde se guarda a louça; **paliteiro** *s. m.* fabricante ou vendedor de palitos; utensílio de mesa onde se guardam os palitos; **tremoceiro** *s. m.* BOTÂNICA nome vulgar das plantas também conhecidas por tremoceiras ou tremoços; vendedor de tremoços.

Quanto à estrutura da base que o sufixo selecciona geralmente ela é simples ou, em algumas ocasiões, acrescentada com algum sufixo avaliativo como *-ic-*, *-ilh-*, *-inh-*, *-aç-*, *-ada*, *-ote*: *bailariqueiro*, *rendilheira*, *brinquineiro*, *limonadeiro*, *plumaceiro*, *caixoteiro*. Por seu lado os agentivos em *-eir-*, com muita frequência, servem de base para formar nomes de “(local de) actividade relacionada com Nb”: *carpinteiro* > *carpintaria*, *marceneiro* -> *marcenaria*, *serralheiro* -> *serralharia*. Observa-se que o sufixo *-eir-* sofre truncamento na presença do sufixo *-aria*.

Além de formar nomes de agentes humanos o sufixo *-eir-* serve para formar derivados que denominam **animais** (aves, pássaros, peixes, moluscos, etc.) (105 casos, 5 %): *coleiro*, *lebreiro*, *perdigueiro*, etc.

Relacionada com a função agentiva está a **função instrumental** (64 casos, 3%): **bifeira** *s. f.* utensílio de fazer bifés; **craveira** *s. f.* instrumento para fazer cabeças de cravos e de pregos; **masseira** *s. f.* tabuleiro onde se amassa a farinha para o fabrico do pão; qualquer recipiente semelhante. A única diferença entre o valor agentivo e o instrumental é que este último tem o traço semântico **-HUMANO**. A paráfrase mais usada é: “aparelho ou máquina que realiza a função especificada pelo Nb”. Os sufixos concorrentes que formam instrumentais denominais são: *-ilh-* (*barbilho*, *espartilho*, *peitilho*, *fundilho*, *boquilha*, *braguilha*, *almilha*) e *-ão* (*cabeção*, *chavão*) (J. Piel 1940 : 44 – 45).

A função agentiva está relacionada também com a função de **meio de transporte** (23 casos, 1%): **saleira** *s. f.* embarcação de fundo chato, usada na região portuguesa de Aveiro, para o transporte de sal; **veleiro** *s. m.* grande navio com muitas velas, que constituem o seu único meio propulsor.

Em muitos casos o significado agentivo e o de meio de transporte têm o mesmo significante: **bacalhoeiro** *A adj.* relativo ao bacalhau ou à pesca de bacalhau *B s. m.* o que negoceia em bacalhau, que gosta muito de bacalhau; (...) barco empregado na pesca de bacalhau.

1.2.2.2. O sufixo *-eir-* serve também para formar **nomes locativos** (335 casos, 15.2%). No seguimento de J. Piel (1940) e de G. M. Rio-Torto (1998) a categoria de locativo é tomada em sentido amplo, de forma a que possa incorporar não apenas designadores de lugares ou de espaços onde se albergam ou permanecem determinados indivíduos, mas também designadores de objectos que servem de locais/ de receptáculo a matérias várias. Neste sentido distinguimos vários tipos de locativos:

1.2.2.2.1. Locativos que designam “local onde existe grande quantidade de Nb”. A base do locativo pode ser \pm CONTÁVEL e ter os seguintes traços semânticos:

+ PLANTA (43 exemplos, 2%): **arrozeira** -> **arrozal**; **giesteira** -> **giesteiro**; **codesseira** => **codessal**; **junqueira** => **juncal**, **luzerneira** *s.f.* terreno semeado de luzerna, terreno onde abunda luzerna, etc.

O nome derivado em *-eir-* remete para um espaço sem limites claros, para áreas não delimitadas ou com limites imprecisos.

Os sufixos concorrentes nesta acepção são: *-al* (*arrozal, caniçal, giestal, jun-cal, laranjal, lentiscal, luzernal, trigal*); *-edo* (*castanhedo, olivedo, olmedo, vinhedo*); *-il* (*fenil*).

Do ponto de vista quantitativo a distribuição destes sufixos é a seguinte: no nosso corpus global sobre os nomes colectivos temos 240 exemplos de locativos sufixados em *-al*, por volta de 30 – sufixados em *-edo* e 43 – sufixados em *-eir-*.

+ ANIMAL (43 casos, 2%): *capoeira, chiqueiro, coelheira, galinheiro, potreiro, sapeira*. Os sufixos concorrentes são: *-al* (*pombal, sapal*); *-aria* (*vacaria*), *-il* (*bovil, can(z)il, gatil, potril*) e *-iça* (*porcariça, vacariça*);

+ MATÉRIA/SUBSTÂNCIA NÃO FABRICADA PELO HOMEM (66 casos, 3%): *caleira s.f.* lugar onde se extrai cal, *gesseira s.f.* -> *gessal*, depósito de gesso; *louseira s.f.* lugar donde se extraem lousas; *pedreira s.f.* lugar donde se extrai pedra; canteira. Como bem indicam as remissões o sufixo concorrente é *-al* (*areal, lodaçal, pedregal, seixal*).

1.2.2.2. Locativos que designam “(local de) actividade relacionada com o Nb” (5 casos, 0.2%, válido só para o sufixo *-eira*): *telheira, churrasqueira, marisqueira*. Neste caso os lugares ou espaços têm limites claros/bem delimitados, são edificações especialmente construídas para desenvolver uma actividade centrada em Nb. O sufixo por excelência que constrói locativos deste tipo é *-aria*: *alfaiataria, camisaria, carpintaria, cervejaria, chapelaria*, etc.

1.2.2.2.3. Locativos que designam “local/objecto continente (receptáculo) de Nb”, “local/objecto onde se guarda, onde existe/está depositado Nb” (121 casos, 5%): *azeitoneira s.f.* vaso ou prato em que se servem azeitonas; *biscoiteira s.f.* recipiente para guardar biscoitos, *cigarreira s.f.* caixa ou estojo em que se trazem os cigarros, *floreira s.f.* vaso em que se colocam flores. Os sufixos concorrentes nesta função são: *-ário* (*aquário, relicário*) e *-al* (*dedal*).

Em alguns casos a oposição entre a denominação do agente e a do recipiente realiza-se através do género gramatical da palavra (*biscoiteiro / biscoiteira; queijeiro / queijeira; papeleiro / papeleira*).

Em outros casos a forma que designa “local/objecto continente de Nb” (*louceiro, roupeiro*) é homónima com o agentivo que tem a mesma base, ou seja, não há diferença no género do nome locativo e do agentivo. Geralmente a acepção locativa é mais conhecida que a agentiva: *floreira s.f.* vaso onde se colocam flores; vendeira de flores; florista; *tabaqueira s.f.* caixa ou bolsa para trazer o tabaco, operária que trabalha em fábrica de tabaco. Existe também outra oposição, manifestada de forma regular, entre dois tipos diferentes de locativos: “objecto/lugar/recipiente de Nb” e “lugar de actividade, relacionada com Nb”:

fruteira s. f. sítio onde se guarda a fruta / *frutaria s.f.* casa onde se vende fruta; pomar

louceiro *s. m.* guarda-louça; armário onde se guarda a louça / **louçaria** *s. f.* estabelecimento onde se vende louça;

tabaqueira *s. f.* caixa ou bolsa para trazer o tabaco / **tabacaria** *s. f.* estabelecimento onde se vende tabaco.

Ao sub-conjunto de palavras que denominam objecto continente de Nb, em geral, é alheio o sema de quantidade. Esta é uma diferença essencial entre os locativos continente e os que designam lugar onde há grande quantidade de Nb e cuja base é uma planta (*urzeira*) ou um animal (*coelheira*) que simultaneamente têm a acepção locativa e a de quantidade. Mesmo assim, há casos de coexistência deste tipo de valor locativo e o colectivo: **braseiro** *s. m.* as brasas; recipiente, bacia em que se guardam as brasas.

Do ponto de vista morfológico as bases que selecciona o sufixo *-eir-* geralmente são simples, em poucos casos aparecem alguns sufixos diminutivos: *paliteiro*, *prateleira*, *saboneteira*, etc. Às vezes, para denominar o recipiente, existem simultaneamente as formas do género masculino e feminino: *licoreiro* – *licoreira*, *braseiro* – *braseira*, etc.

1.2.2.3. O conjunto das unidades lexicais em *-eir-* que denominam **árvore**, **planta** está muito bem representado (por volta de 318 exemplos, 14%) e é parafraseável por “vegetal relacionado com Nb”: **ameixeira** *s. f.* árvore cultivada ou subspontânea, da fam. das Rosáceas, que produz ameixas, ameixieira, ameixoeira; **macieira** *s. f.* BOTÂNICA árvore da fam. das Rosáceas, muito cultivada em Portugal por causa do seu fruto (maçã); **pereira** *s. f.* BOTÂNICA nome extensivo a várias plantas arbóreas da fam. das Rosáceas, cujos frutos (pêras) são comestíveis e muito apreciados”.

Em todos estes exemplos o sufixo participa em relações holonímicas (De hólós, “todo”) que são orientadas sempre da parte para o todo, ou seja, utilizando como base o nome do fruto, da flor ou de algum outro produto obtém-se a denominação da planta ou do arbusto, que é a origem/fonte destes produtos. Esta relação é muito regular: construímos o nome da planta a partir do nome do seu produto. O produto na maioria dos casos é o fruto, produzido pela planta, mas também pode ser alguma flor ou alguma substância como por exemplo resina, goma, tinta, farinha, etc.: **benjoeiro** *s. m.* árvore do Oriente que fornece uma espécie de resina perfumada denominada benjoim; nome comum a algumas árvores do Brasil; **visqueiro** *s. m.* BOTÂNICA nome por que também é designado o azevinho (planta) em virtude de o visco se extrair da sua casca; **bengaleira** *s. f.* cana-da-índia usada para fazer bengalas, cultivada em Portugal como planta ornamental.

Para formar o nome da planta com certa frequência *-eir-* não é sufixo mas é integrador paradigmático, ou seja, serve para integrar o nome da planta nessa classe referencial. Neste caso a base e o derivado são sinónimos completos: **xiriubeira** *s. f.* BOTÂNICA planta convolvulácea do Brasil (Do tupi *siriúva*, “id” + *-eira*). O género do derivado que denomina a planta ou o arbusto tanto pode ser masculino como

feminino ou pode aparecer nos dois géneros: *aroeiro (a)*, *canforeiro (a)*, *castanheiro (a)*, *espinheiro (a)*, *framboeseiro (a)*, *tojeiro (a)*, *tomateiro (a)*, *tulipeiro (a)*. Por vezes, antes do sufixo ou o integrador paradigmático aparece o elemento epentético *-z-*: *avelaneira* e *avelãzeira*, *maceira* e *maçãzeira*; *urucueiro* e *urucuzeiro*, etc. A estrutura da base, geralmente, é simples; em poucos casos lhe é acrescentado algum sufixo como *-ada*, *-ilho*, ou *-inho*: *marmeladeira*, *coquilheiro*, *murtinheira*.

Não existem outros sufixos que formem nomes de árvores, plantas ou arbustos; estes conceitos denominam-se por meio de algumas locuções do tipo: *pé de dália*, *planta de chá*, etc.

1.2.2.4. **Valor hiponímico** dos derivados em *-eir-* (79 exemplos, 3.3%). As unidades lexicais que atestam este valor são parafraseáveis por “tipo/ espécie de Nb”. O valor hiponímico pode ser dividido em vários subtipos:

1.2.2.4.1. Valor aumentativo/intensivo (72 casos, 3%): **bigodeira** *s.f.* grande bigode; escova de limpar bestas, almofaça; **escandaleira** *s.f.* escândalo grande; **pescoceira** *s.f. (pop.)* pescoço grande, cachaço; **umbigueira** *s.f.* umbigo grande. Como bem observa G. M. Rio-Torto (1993 : 699) o sufixo *-eir-* funciona em português como um avaliador aumentativo ou intensivo, que imprime ao derivado em que ocorre o semantismo de “grande/intenso Nb”. Quanto ao registo de utilização trata-se de um valor activado sobretudo numa linguagem coloquial, informal ou familiar, marcada por preocupações de expressividade, as quais são tanto mais valorizadas quanto mais o uso de *-eir-* é acompanhado de alteração do género da base (cf.: *caloreira*, *discurseira*, *jeiteira*, *trabalheira*, *viceira*).

1.2.2.4.2. Valor diminutivo (7 exemplos, 0.3%): **capoteira** *s. f.* capote curto de mulher; **carvalheira** *s. f.* BOTÂNICA carvalho de pequeno porte, **valeira** *s. f.* valeda; regueiro, etc.

Neste valor o sufixo *-eir-* tem muito baixa produtividade e não está disponível no português contemporâneo (G.M. Rio-Torto, 1993: 699)

1.2.2.5. **Nomes colectivos** (74 casos, 3.3%). No seguimento de J.G. Herculano de Carvalho 1975 aceita-se que os nomes colectivos “são substantivos que na forma de singular, significam colecção (conjunto) homogéneo de objectos”. A base dos nomes colectivos tem o traço +CONTÁVEL. As palavras **cabeleira** *s.f.* conjunto dos cabelos de uma cabeça, quando são compridos; cabelo postiço; chinó; peruca; crina; **crineira** *s.f.* conjunto de pêlos que, da cúpula do capacete, caem para trás; crinal, juba, crina; **denteira** *s.f. (pop.)* dentuça; embotamento dos dentes; correspondem a esta definição. Os dicionários registam só o valor colectivo a palavras como **ficheiro** *s.m.* conjunto de fichas, **romanceiro** *s.m.* colecção de romances; poesias e canções populares de um país ou de uma região, **verbeteiro** *s.m.* colecção de verbetes, **medalheiro** *s.m.* colecção de medalhas, etc. mas é difícil pensá-los sem o suporte locativo, respectivamente a gaveta de fichas, de verbetes; o livro de canções, o móvel com medalhas, etc. Em outro grupo de palavras do tipo *orvalheira*, *poeira*, a

base não é contável e elas podem ser consideradas como pertencentes ao grupo dos intensificadores. A paráfrase dos nomes colectivos é: “conjunto de Nb”, “grande quantidade de Nb”, “grupo de Nb”. Os outros operadores morfológicos que formam nomes colectivos são: *-ada* (*criançada, ovelhada, vacada*), *-ado* (*professorado, proletariado, teclado*), *-agem* (*ciganagem, folhagem, ladroagem*), *-aria* (*boataria, maquinaria, pedraria*), *-al* (*batatal, laranjal, pepinal*), *-ame* (*vasilhame, velame*), *-edo* (*passaredo, mulheredo*), *-ugem* (*penugem*), *-ura* (*dentadura*) Como já salientámos, com muita frequência, há interferência entre o valor colectivo e o valor locativo, sobretudo quando a base denomina uma planta ou um animal (cf.: **abelheira** *s. f.* ninho de abelhas; buraco onde as abelhas se alojam; enxame; **centeeira** *s. f.* centeal; **feteira** *s. f.* lugar onde há fetos (plantas); conjunto de fetos de várias espécies).

1.2.2.6. **Nomes essivos ou predicativos (65 casos, 2.8%)**. Só o sufixo *-eira* constrói este tipo de derivados: **asneira** *s. f.* disparate; tolice; dito obsceno; **baboseira** *s. f.* dito de baboso; disparate, tolice; **bandalheira** *s. f.* acção de bandalho, baixeza; indignidade; vestuário ridículo; **borracheira** *s. f.* estado de borracho; embriaguez; **doideira** *s. f.* doidice; **magreira** *s. f.* (*pop.*) magreza; **sujeira** *s. f.* sujidade; (*fig.*) coisa mal feita, desaire; **tonteira** *s. f.* tontice, tontura; vertigem. No seguimento da classificação de G.M. Rio-Torto (1992) dentro dos essivos distinguimos nomes de qualidade e nomes atitudinais formados por meio do sufixo *-eira*.

As paráfrases mais frequentes, utilizadas para definir, estas unidades lexicais, são: “o facto de ser X”, “qualidade/propriedade de ser X”, “acto (acção, dito) próprio de X” em que X designa um predicativo, expresso por um adjectivo ou, menos frequentemente, por um nome. Os outros operadores da RCP PRED ou dos essivos são os seguintes: *-eza* (*beleza*), *-ia2* (*autonomia*), *-ice* (*garridice*), *-idade* (*portugalidade*), *-idão* (*vermelhidão*), *-ismo* (*casticismo*) e *-ura2* (*brancura*) (M. Correia 1999). A mesma autora considera que *-eira* é um sufixo dispensável para formar nomes de qualidade porque todos os nomes citados têm sinónimos construídos sobre a mesma base com um outro sufixo, principalmente *-ice*: *asneira* – *asnice*; *bandalheira* – *bandalhice* – *bandalhismo*; *celebreira* – *celebridade*; *gagueira* – *gaguez* – *gaguice*; *ladroeira* – *ladroíce* – *ladroagem*; *sujeira* – *sujidade*, etc. Outra conclusão que se tira é que os nomes de qualidade em *-eira* (a excepção de *cegueira*) exprimem, na maioria dos casos, defeitos físicos e morais, tendo uma conotação pejorativa que se deve sobretudo ao sufixo.

Observa-se que só o sufixo *-eira* e não *-eiro* faz parte do paradigma morfológico dos sufixos que formam nomes de qualidade. Em todos os outros casos a base é predominantemente nominal enquanto no caso dos nomes de qualidade a base é sobretudo adjectival. Estes dois factores nos fazem pensar que no caso dos nomes de qualidade se trata de um outro sufixo *-eira*.

Relacionados com os nomes essivos são os nomes de **doença** (28 casos, 1.2%), parafraseáveis por “afecção, doença relacionada com Nb”: **papeira** *s.f.* MEDICINA

nome por que também se designa a parotidite; **pulmoeira** *s.f.* doença que ataca os pulmões dos solípedes, **teteira** *s.f.* doença das glândulas mamárias das cabras. O referente do nome da base é geralmente alguma parte do corpo humano ou do animal. O sufixo *-eira* forma também nomes de doença mesmo quando a base não tem como referente alguma parte do corpo: *pigarreira, pisqueira, rabugeira, tossegueira, tosseira, pieira, caleira*, etc. Alguns destes nomes pertencem ao registo popular. Os sufixos concorrentes são: *-ite, -ose* e *-ia*: *laringite, faringite, meningite, artrite, esclerose, nevrose, cirrose, artrose; pulmonia, alergia, parodontia*, etc.

1.2.2.7. **Objecto adaptado ao referente de Nb** (96 exemplos, 4%) parafraseável por objecto relacionado com Nb: **braçadeira** *s.f.* tira larga de pano usada no braço esquerdo, de cor variável, que indica que quem a usa pertence a determinada organização ou está investido de certa função; distintivo enrolado no braço; **dedeira** *s.f.* bainha de pano, couro ou borracha para resguardar a ponta de um dedo doente; **corneira** *s.f.* -> **cornal**. Observa-se que com mais frequência o r (Nb) é alguma parte do corpo humano ou do animal.

1.2.2.8. **Nomes de preparação culinária**, parafraseáveis por “produto relacionado com Nb”; “produto/preparado a base de Nb”: *alheira, bagaceira, orelheira, sangueira*. O sufixo concorrente nesta acepção é *-ada* (cf.: *laranjada, feijoada, marmelada*).

2. O sufixo *-eir-* forma também **adjectivos denominais de relação** (195 casos, 8.7%) ou unidades lexicais duplamente classificadas como adjectivos e nomes (356 exemplos, 15.8%), o que representa ¼ da totalidade do corpus. Os adjectivos são parafraseáveis por “relativo a Nb”, “em relação com Nb”, “que concerne Nb”: *brasileiro, hoteleiro, verdadeiro*. Os adjectivos deste tipo têm por função estabelecer entre o Nb e o N que eles determinam algum tipo de relação: posse, procedência, semelhança, tipicidade, pertença ou filiação. Os outros sufixos concorrentes são muito numerosos (G.M. Rio-Torto (1998 : 124): *-ad-* (*azarado, rosado*), *-al* (*comercial*), *-an-* (*serrano*), *-ar* (*solar*), *-ári-* (*diário*), *-eng-* (*solarengo*), *-ens-* (*almadense*), *-ent-* (*barulhento*), *-ês* (*genovês*), *-esc-* (*simiesco*), *-estr-* (*campestre*), *-ic-* (*alcoólico, metódico*), *-il* (*senhoril*), *-in-* (*crystalino*), *-ist-* (*clubista*), *-onh-* (*enfadonho, medonho*), *-os-* (*brioso, nervoso*), *-ud-* (*barbudo, repolhudo*).

Observamos que os valores semânticos das unidades lexicais sufixadas em *-eir-* são variadíssimos. Isso tem a sua explicação na origem deste sufixo. O sufixo *-eir-* primeiro era um sufixo adjectival relacional, ou seja, com base em nomes formava adjectivos de relação que posteriormente se podiam nominalizar mediante conversão. Com o evoluir da língua os nomes terão passado a formar-se directamente a partir das bases nominais. O valor genérico do sufixo é relacional: estabelece uma relação entre o referente da unidade lexical derivada e o referente do nome

da base. Este valor genérico é especificado em dependência das características semânticas da base. Desta maneira, utilizando um só sufixo, em dependência da semântica da base, obtém-se uma diversidade extraordinária de categorias referenciais do derivado.

A maneira como é construído derivacionalmente o significado dos nomes em *-eir-* permite explicar a diversidade das categorias referenciais que eles podem designar. Assim a unidade lexical **vinagreira** não significa fundamentalmente “vasilha em que se guarda o vinagre” porque ela refere também o agente “mulher que prepara ou vende vinagre”; na esfera da ZOOLOGIA denomina “um molusco marinho”; na BOTÂNICA “uma planta herbácea de sabor ácido”; no registo regional – uma preparação culinária (*gaspacho*) ou uma mulher avinagrada (*solteirona*); em resumo, **vinagreira** pode designar qualquer categoria referencial que mantém certo tipo de relação com o vinagre.

3. Algumas notas conclusivas

3.1. Em português existem dois sufixos *-eir-*: um que constrói nomes relacionais denominais concretizados na fala como agentivos, instrumentais, nomes de plantas/ árvores/ arbustos, nomes locativos, nomes de quantidade, preparações culinárias, etc. e um outro sufixo *-eira* (invariável) que constrói nomes predicativos com base, sobretudo em adjectivos.

3.2. O sufixo *-eir-* é um dos sufixos formadores de nomes mais produtivos em português cujas funções semânticas são muito numerosas.

3.3. O valor genérico, abstracto do sufixo *-eir-* é o relacional. Em dependência das características semânticas da base o derivado adquire diferentes valores semânticos entre os quais os mais significativos são o valor agentivo (1182 acepções, 52% do corpus), o valor locativo (335 acepções, 15.2%) e a denominação de plantas/arbustos e árvores (318 casos, 14%), que perfazem 81% de todas as acepções estudadas.

3.4. Existe uma interferência muito grande entre o valor locativo e o valor colectivo. A excepção de várias palavras (*cabeleira*, *crineira*, *denteira*) é difícil afirmar que existe um valor colectivo, na acepção restrita do conceito, independentemente do valor locativo.

Referências bibliográficas

- ALI, Manuel de Said (1964), *Gramática histórica da língua portuguesa*, 3ª edição melhorada e aumentada. São Paulo, Melhoramentos, pp. 241-243
- CORBIN, Danielle (1991), «La formation des mots : structures et interprétations », in : *Lexique 10*, Presses Universitaires de Lille.

- CARVALHO, José G. Herculano de (1983), *Teoria da linguagem. Natureza do fenómeno linguístico e análise das línguas*, Coimbra, Coimbra Editora
- CORREIA, Margarita (1998), "A denominação da qualidade em português – aspectos morfossemânticos", in: *Actas do VII encontro da AULP*, Macau, 1998
- CORREIA, Margarita (1999), *A denominação das qualidades – contributos para a compreensão da estrutura do léxico português*, Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa
- CUNHA, C. e CINTRA, L. (1984), *Nova gramática do português contemporâneo*, 2ª edição, Lisboa, Edições João Sã da Costa.
- NUNES, José Joaquim (1989), *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*, Lisboa, 1930, pp. 385-386.
- PIEL, Joseph M. (1940), "A formação dos nomes de lugares e de instrumentos em português", in: *Boletim de Filologia*, Tomo VII, fasc. 1-2, pp. 31-47.
- RIO – TORTO, G. M. (1986), "Contribuição para o estudo da especificidade morfo-lexical dos sufixos: os sufixos –ARIA", in: *Biblos* – vol. LXII, pp. 305-364.
- RIO – TORTO, Graça Maria (1989), "Para uma teoria da formação de palavras em português: análise dos locativos não-deverbais"; in: *Actas do XIX Congresso Internacional de Linguística e Filologia Românicas*, 1989, Tomo V, Universidade de Santiago de Compostela, pp. 869-891.
- RIO – TORTO, G. M. (1993), *Formação de palavras em português. Aspectos da construção de avaliativos*, Tese de Doutoramento, Coimbra.
- RIO-TORTO, G. M. (1998), *Morfologia derivacional. Teoria e Aplicação ao Português*, Porto Editora, Porto.